

# A ARTE NOVA DE ALGARISMO DE SIMÃO FERNANDES DE TAVIRA, POEMA DO SÉCULO XVI

por Ivo Carneiro de Sousa

## I

### Um caderno manuscrito do século XVI

O manuscrito CXIV/1-41 que se guarda, actualmente, na Biblioteca Pública de Évora é um pequeno volume que possui tanto de relevante como de curioso. O investigador que, voluntária ou ocasionalmente, tropeça com ele e resolve empreender a descoberta e interpretação das suas apertadas e estragadas páginas começa mesmo, inicialmente, por ser convocado claramente pela curiosidade... Logo na abertura do caderno, para além de se reter uma epígrafe pouco usual e, até, algo estranha — *Algarismo* —, depara-se também com um pertence que parece permitir começar a datar e a situar esta obra manuscrita: *Este livro he de belchior llopez fecto em mees de setembro de 1531*<sup>1</sup>. Notícia importante que se encontra, contudo, ao virar-se cuidadosamente a pequena e arruinada folha que serve de rosto, emendada e precisada, no verso da primeira página, através de breves informações escritas em letra encadeada das décadas iniciais do século XVI, agora indicando que

*comecey descrepver por ho meo de setembro do anno de 1532/1532. nõ esta no do meu pay...*<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Biblioteca Pública de Évora (BPE), Ms. CXIV/1-41, fl. 1.

<sup>2</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fl. 1v.

Assim, não só se adianta, reiteradamente, de um ano a redacção inaugural do manuscrito, como ainda se remete para uma «biblioteca» familiar que incluiria outros volumes manuscritos relacionados, provavelmente, com a fixação e transmissão geracional de alguns saberes epocais — pistas provocando imediatamente um rápido aprofundamento da curiosidade e expectativa com se que se começa a investigar este pequeno monumento do nosso passado cultural. O reconhecimento das suas páginas seguintes, numa primeira e rápida leitura, consegue, porém, frustrar qualquer sentimento triunfante de se estar perante uma dessas raras descobertas realmente significativas: folhas e folhas sucedem-se inteiramente ocupadas, por vezes, nervosa e confusamente, com números e contas..., são centenas de números e várias dezenas de contas.

A abrir, quatro páginas rendem-se totalmente conquistadas pela adição: logo após uma curta explicação dos seus princípios e regras elementares, ocupam-se três páginas a praticar várias somas, acompanhadas das respectivas provas dos nove, sendo, concretamente, doze os exercícios resolvidos neste primeiro capítulo dos apontamentos<sup>3</sup>. Em seguida, como se começava já quase a suspeitar, chega a vez da subtracção. Novamente, um breve sumário narrativo versa as características desta operação, enquanto sete páginas conseguem resolver quarenta e quatro diferentes diminuições e, se a esmagadora maioria aparece positiva e limpamente tratada, algumas vezes, aqui e ali, contrariamente à adição, insinuam-se pequenos erros, frequentes riscos e várias imprecisões<sup>4</sup>. Continuando a seguir a lição do manuscrito, dez páginas abrem-se agora à prática da multiplicação. Como sucedera anteriormente, segue-se a uma muito breve explicitação normativa um conjunto de vinte exercícios que compreendem também os primeiros problemas «reais», de enunciado concreto, neste caso, acerca de pipas de vinho<sup>5</sup>: tratar-se-á de uma mera exercitação prática habitual ou de um testemunho sobre vocações e interesses económicos familiares? Quando se esperava ainda mais longas incursões no domínio da divisão, eis que o caderno manuscrito se limita, «cobardemente», a acertar seis divisões simples por dois, quatro e oito, mas englobadas, todavia, no título disciplinar de *quebrados*, o que as casa, portanto, com o exercício das fracções e não com o estudo da derradeira grande operação da aritmética prática<sup>6</sup>. Seguidamente, ainda,

---

<sup>3</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fls. 2 a 4.

<sup>4</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fls. 6 a 10.

<sup>5</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fls. 12 a 17 e fl. 16 para os exemplos com pipas de vinho.

<sup>6</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fls. 18 a 20v.

uma primeira grande parte dos apontamentos encerra-se em torno da exercitação de alguns problemas de introdução àquela que era, no mundo da aritmética comercial de Quinhentos, uma das suas operações mais eficazes e utilitárias do ponto de vista da mentalidade social mercantil: a «célebre» regra de três...<sup>7</sup>

A partir daqui, parece concluir-se esta verdadeira sebenta de exercícios de aritmética prática, virando-se radicalmente o manuscrito, sem que nada o fizesse suspeitar, para uma área totalmente diferente de interesses culturais: números e contas, enfim, os problemas da aritmética cedem, agora, o estreito espaço à curiosidade das letras, à dignidade da literatura. De facto, ao longo das vinte e duas páginas seguintes, os apontamentos de Belchior Lopez preocupam-se, concretamente, com a poesia, procurando fixar, nem sempre de forma integral e feliz, alguns textos poéticos retirados do famoso *Cancioneiro Geral*, compilado por Garcia de Resende e multiplicado, a partir de 1516, pelos prelos de Hermão de Campos. Os interesses literários reflectidos agora no pequeno volume manuscrito são atraídos, no geral, por alguns poemas de pequeno formato, unificados, globalmente, pelos temários amorosos e cuja responsabilidade se reparte por vários autores: Rui Gonçalves Castelo-Branco<sup>8</sup>, Jorge de Aguiar<sup>9</sup>, Fernão da Silveira<sup>10</sup>, Luís Henriques<sup>11</sup>, Duarte de Gama<sup>12</sup>, Diogo Brandão<sup>13</sup>, João Gomez da Ilha<sup>14</sup> e Duarte de Brito<sup>15</sup>.

<sup>7</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fls. 21 a 24.

<sup>8</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fl. 24, verso 1: *A por fora meu desejo* — Rui Gonçalves de Castelo-Branco (*Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* (CG), ed. de A. J. Costa Pimpão e Aida F. Dias, Coimbra, 1973, n. 405, p. 349); fl. 24v., verso 1: *Mas novas me dão de mj* — Rui Gonçalves de Castelo-Branco CG n. 407, p. 349.

<sup>9</sup> BPE, Ms. CXLV/1-41, fl. 24v., *pergunta de hu servjdor a outro*, verso 1: *A vos so cujo poder* — Jorge de Aguiar CG n. 213, p. 223; fl. 26v., *perguntas a hua senhora*, verso 1: *mjll cousas que de vos sey* — Jorge de Aguiar CG n. 214, p. 224.

<sup>10</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fl. 26, *Resposta*, verso 1: *o vosso gentyl saber* — Fernão da Silveira CG n. 213, p. 224.

<sup>11</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fl. 27, *E outras*, verso 1: *pois conheço que folgais* — Luís Henriques CG n. 382, p. 330; fl. 28, *Copras de hu namorado que lhe perguntou sua dama como elle hia*, verso 1: *pois sabejs que me vay mall* — Luís Henrique CG n. 375, p. 329.

<sup>12</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fl. 29, *pergunta de hui servjdor a outro*, verso 1: *pois que todos os nacidos* — Duarte de Gama CG n. 348, p. 308.

<sup>13</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fl. 30v., *Copras a hua senhora*, verso 1: *Não vos enganejs senhora* — Diogo Brandão CG n. 353, p. 310.

<sup>14</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fl. 32, *Copras louvando hui servjdor sua dama*, verso 1: *tall he nosso parecer* — João Gomez da Ilha CG n. 567, p. 55.

<sup>15</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fl. 33v., *Copras de hu servjdor que estava arrojado da Dama*, verso 1: *que dias tão mall gastados* — Duarte de Brito CG n. 123, p. 160.

Este andamento poético, conquanto ocupe, escassamente, um oitavo do caderno manuscrito, tem sido directamente responsável pela «popularidade» disfrutada por estes apontamentos junto de alguns investigadores da Literatura e Cultura portuguesas do século XVI que têm vindo a incluir a excelente secção de Reservados mantida pela Biblioteca Pública de Évora nos seus programas e prática de pesquisas<sup>16</sup>. Apesar dos poemas referidos se encontrarem bastante longe de enformar qualquer tipo de cancionero manuscrito coevo, mais não sendo, rigorosamente, do que meras transcrições tardias, nem sempre cuidadas e completas, de alguns pequenos textos poéticos reunidos na antologia resendiana, a verdade é que este andamento literário fixado nos apontamentos de Belchior Lopez conseguiu já reviver em reedições actuais<sup>17</sup>, em contraste com a sorte obscura a que foi votada a maior parte das páginas que o rodeiam e comprimem, as quais não deixam, afinal, de constituir quer o seu contexto mais imediato quer mesmo a manifestação quantitativamente mais impressiva dos interesses culturais que comparecem neste trabalho manuscrito. De qualquer forma, afigura-se, no mínimo, estranho que um volume escrito inteiramente pelo mesmo e único punho misture e procure posterizar interesses, aparentemente, tão díspares e, muitas vezes, afastados como eram, na época, a aritmética prática e a literatura cancioneril, manifestações que se costuma apresentar ligadas a sectores profissionais diferenciados e cultivadas em auditórios, porventura, ignorando-se reciprocamente. A (boa) pergunta que, em consequência, se deve equacionar não pode ser senão esta: como se poderá explicar que neste caderno manuscrito pessoal que, paulatina e persistentemente, vai debuxando um verdadeiro curso prático de aritmética se enxerte, subitamente, um andamento poético cancioneril?

Os pequenos textos poéticos talvez procurem propôr uma área de «recreação» intelectual, uma espécie de pausa «lúdica» na árdua andadura dos exercícios aritméticos, uma verdadeira distracção que talvez seja

---

<sup>16</sup> Como é do conhecimento dos investigadores que têm trabalhado na secção de Reservados da BPE, esta instituição colocou no início das obras uma folha destinada a albergar o nome e a morada dos seus leitores, pelo que se torna possível reconhecer, apesar da referida folha nem sempre ser preenchida, alguns dos estudiosos que trabalharam esses volumes raros. No caso do caderno manuscrito que nos ocupa a sua leitura parece ter sido ampla e frequente, pois que, de Eugenio Asensio a Jorge de Sena, são muitos os investigadores do nosso passado cultural que visitaram esta pequena obra manuscrita.

<sup>17</sup> A maior parte destes poemas, mas não a sua totalidade, foi publicada por DIAS, Aida Fernanda — *O Cancioneiro Geral e a poesia peninsular de quatrocentos*, Coimbra, Livraria Almedina, 1978, pp. 287-290 e pp. 300-312.

ainda possível encontrar, ao lado de esboços, desenhos e outras muitas práticas, em muitos antigos e modernos cadernos de apontamentos de aulas e problemas de aritmética. Mas, a um nível de reflexão mais profundo, a fixação por Belchior Lopez destes poemas cancioneris poderá também denunciar ligações interessantes com o exercício e a aprendizagem da escrita, testemunhando uma espécie de ensino básico epocal escorado nos números e nas letras, mais precisamente, no rigor da prática da aritmética e na atracção cultural exercida pela dignidade da poesia, conexão que, pelo menos neste caso concreto, invalidaria a ideia de um radical distanciamento entre o estudo da aritmética e da literatura... Em grande parte, o percurso cultural geral percorrido pelo pequeno caderno manuscrito constitui, como veremos, uma resposta precisa às possibilidades e ao interesse do cruzamento entre a aritmética e a poesia... No entanto, depois de concluída a leitura dos breves textos poéticos retirados do *Cancioneiro* resendiano, o manuscrito retoma e desenvolve muito rapidamente aquela que parece ser, afinal, a sua verdadeira estrutura e vocação: volta-se novamente para os números, volta a enfrentar a mnemética dos exercícios práticos e das contas repetidas, abraçando-se, íntima e largamente, com a aritmética.

A partir daqui, sim, chega o largo momento de Belchior Lopez enfrentar decidida e corajosamente a difícil arte da divisão: 54 sofridas páginas, representando o mais volumoso andamento tematicamente unitário do manuscrito, são inteiramente invadidas por dezenas de exercícios práticos que resolvem combinar, frequentemente, a clareza e o êxito com inúmeras imprecisões, riscos, borrões, indisfarçadas hesitações<sup>18</sup>... Plasmadas pela rubrica geral de *repartir*, as divisões não escondem ser, de facto, a operação mais complexa tratada pelo caderno de apontamentos manuscritos, mostrando até tratar-se de uma área do universo da aritmética epocal de ainda difícil conceptualização, mesmo no interior de níveis culturais medianamente desenvolvidos, como se afigura ser o caso do autor deste volume. Como se poderá explicar esta enorme dificuldade em praticar e acertar problemas de divisão? Naturalmente que as respostas implicam o aprofundamento da história social e cultural da aritmética prática no nosso país, durante o período quinhentista, mas uma sugestão generalizante passará, talvez, pela investigação sobre a inadequação funcional que o raciocínio e a lógica exigidos por uma operação como a divisão poderiam exhibir no seio de grupos sociais que continuavam a representar cultural e mentalmente as sociedades epocais,

---

<sup>18</sup> BPE, Ms. CXIV/1-41, fl. 35v. a 74.

muito pouco habituadas a partilhar e a dividir no domínio do social, como corpos que privilegiavam o estatismo e o imobilismo, procurando reproduzir estabilidades consuetudinárias — é, aliás, sabido que a aritmética prática se desenvolveu e propagou, pelo menos na Europa dos finais da Idade Média e do Renascimento, graças a uma boa adequação aos sectores comerciais e, mesmo, à mentalidade social mercantil, a qual desenvolvia um dinamismo que as sociedades estamentais do Antigo Regime não previam nem, muitas vezes, compreendiam<sup>19</sup>.

As dificuldades evidenciadas nesta secção do manuscrito eram, porém, ultrapassadas pelo esforço e resolvidas através da repetição constante de exercícios praticamente semelhantes, potenciando-se, assim, a memorização que pretendia prefigurar a resolução automática das operações em causa. Trata-se de um movimento que subvalorizava o reconhecimento das propriedades e regras da divisão, erguendo uma didáctica da aritmética absolutamente primária, mas que acabaria por se tornar próspera e longamente normativa, estribando-se, afinal, exclusivamente na memorização em detrimento da conceptualização.

À medida que os apontamentos se vão aproximando do fim do caderno manuscrito, este começa a degradar-se inexoravelmente: folhas aqui rasgadas, páginas ali corrompidas pela humidade e pelos bolores, dificultando quase irremediavelmente a sua pesquisa, mas relevando também por parte de todos aqueles que possuíram, utilizaram ou estudaram o pequeno volume muito pouco cuidado e atenção para com as suas derradeiras lições, situação explicável pelo facto do texto haver já, anteriormente, veiculado os instrumentos essenciais da aritmética-prática e um verdadeiro método de trabalho geral, tornando, portanto, dispensáveis os exercícios adiantados na sua parte final. Ocorre, contudo, ser, precisamente, esta secção terminal do manuscrito a albergar, entre os fólios 74 e 84, um texto que se abre novamente ao poético, mas desta vez pretendendo assumir-se como síntese conclusiva de todo o esforço prático do caderno pertencente a Belchior Lopez. Referimo-nos a um largo poema de noventa e cinco estrofes que, buscando, originalmente, cruzar a aritmética e a poesia, mais não procura do que ensinar, através de um ritmo poético, as quatro operações elementares da arte dos números. O segundo verso da primeira estrofe funciona como a sua epígrafe, o seu título — *arte nova dallgarismo* —, enquanto no final de

---

<sup>19</sup> Da numerosa literatura historiográfica sobre este assunto veja-se, por exemplo, o excelente estudo *Manifestaciones mentales de un precapitalismo* de MARAVALL, José Antonio — *Estado Moderno y Mentalidad Social (siglos XV a XVII)*, Madrid, Ed. Rev. de Occidente, 1972, pp. 101 a 137.

todo este interessante discurso poético se transcreve o nome do seu autor — *Simão Fernandes de Tavira*. É precisamente a edição integral deste poema o objectivo fundamental deste artigo, não se deixando, muito sumariamente, de fornecer algumas pistas passíveis de ajudar a compreender e a interpretar o texto.

Refira-se, contudo, que não é esta a primeira vez que se tenta publicar e divulgar esta versão manuscrita do poema de Simão Fernandes. Em 1902, o então conservador da biblioteca eborense António Francisco Barata estampou a sua leitura deste texto poético num pequeno folheto de duzentos exemplares, um esforço interessante, mas que não conseguiu, como veremos mais adiante, nem editar integralmente o poema nem divulgar uma lição correcta dos seus conteúdos, restando, porém, o trabalho meritório de tentar salvar um documento de valor cultural histórico, cuja degradação parecia já, no início deste século, impossibilitar qualquer nova futura reedição<sup>20</sup>.

## II

### O autor, Simão Fernandes de Tavira

Escrevia precisamente António Francisco Barata numa pequena introdução à sua proposta de edição do poema de Simão Fernandes de Tavira: «que dizer do auctor? Nada... Ocorre o ter elle sido um Jesuíta, ao reparar-se no monograma da Companhia de Jesus Ihs posto no começo da composição»<sup>21</sup>. Desculpe-se esta anacrónica referência à Companhia de Jesus num texto anterior à entrada da Sociedade fundada por S. Inácio em Portugal, até porque, algumas linhas mais adiante, o erudito eborense confessava que «depois disto escripto, e por informação do dr. Sousa Viterbo sei que não é um ignorado este Simão Fernandes de Tavira»<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> BARATA, António Francisco — *Arte Nova do algarismo. Inédito do século XVI*, Évora, Minerva Comercial, 1902. Interrogava-se o erudito eborense, na página 6, da razão explicativa da não catalogação do poema pelo bibliotecário Joaquim Telles de Mattos e concluíra: «ou porque não quiz tomar sobre si o inglório trabalho de ler as folhas, em que está escripta a Arte Nova, quasi cegas pela acção da humidade e bolor. Este trabalho tive eu, auxiliado, já no fim da tarefa, por um homem paciente e sempre estudioso, o senhor capitão de Engenharia, João Eloy Nunes Cardoso, podendo ler elle algumas palavras que eu não tinha decifrado»...

<sup>21</sup> BARATA, A. F. — *o.c.*, pp. 6-7.

<sup>22</sup> BARATA, A. F. — *o.c.*, p. 7.

Não se concretizava, contudo, esta informação, não adiantando, afinal, o artigo qualquer outra notícia relevante acerca do autor da *arte nova dallgarismo*.

Deve-se passar, realmente, a reconhecer a Simão Fernandes de Tavira um lugar com algum interesse na história da ciência e da aritmética portuguesa da primeira metade de Quinhentos. O testemunho fundamental que concorre para comprovar esta ideia, e a que, possivelmente, se referia Sousa Viterbo, é um outro texto poético, mas da consagrada autoria de Gil Vicente: umas trovas dirigidas a Filipe Guilhem. No prólogo aos seus contundentes versos, o fundador do nosso teatro, após relatar brevemente a chegada daquele castelhano ao nosso país com pretensões elevadas na direcção dos meios científicos manuelinos, esclarecia que, talvez por isso, na corte do Venturoso:

*Todos aprovaram a arte (de Felipe Guilhem) per boa, fez-lhe ElRey por isso merce de cem mil reis de tença, cõ habito e a corretagem da casa da India, que valia muyto. Neste tempo mandou Sua A. chamar ao Algarve a hum Simão Fernandes astrologo, mathematico; tanto que o castelhano fallou com elle, que vio que o entendia, e que lhe fazia tudo falso, quis fogir pera Castela...*<sup>23</sup>

Esta breve introdução das trovas vicentinas possibilita perceber-se que o autor da *arte nova dallgarismo* era não apenas pessoa da confiança de D. João III, como também personalidade de horizontes científicos relevantes, ao ponto de ser directamente convocada pelo monarca (*mandou Sua A. chamar ao Algarve*) para desmascarar e se confrontar com os falsos conhecimentos de Guilhem<sup>24</sup>. O episódio é tanto mais significativo quanto, segundo a representação vicentina, os saberes do castelhano haviam sido, anteriormente, apresentados perante D. Manuel e um auditório especializado reunido pelo próprio monarca, no qual se destacava ainda a sumidade de D. Francisco de Melo, na altura recentemente regressado ao país com fama de destreza nos domínios das matemáticas, especialmente, da aritmética especulativa<sup>25</sup>. O facto da totalidade dos

<sup>23</sup> VICENTE, Gil — *Obras Completas* (ed. de A. J. da Costa Pimpão), Porto, 1962, p. 520.

<sup>24</sup> Cf. SOUSA, Ivo Carneiro de — *A sensibilidade da literatura portuguesa dos séculos XV e XVI às matemáticas*, in «Revista da Faculdade de Letras do Porto» (série LLM), I (1985), pp. 200-03.

<sup>25</sup> Sousa, I. C. de — *o.c.*, p. 207 e SANTOS, António Ribeiro dos — *Memória da vida e escritos de D. Francisco de Melo*, in «Memórias da Literatura Portuguesa», t. VII, Lisboa, 1806, pp. 238-240.



participantes da convocação manuelina ter aceite sem hesitações as qualificações e, até, os inventos técnicos então propostos por Filipe Guilhem, bem como as importantes recompensas e privilégios com que o nosso monarca agraciou o castelhano, são situações factuais que enformam um quadro e, se quisermos, uma mentalidade «científica» que o texto vicentino propositadamente confronta com um momento intelectual antitético, dominado por D. João III e pela competência dos saberes de Simão Fernandes de Tavira<sup>26</sup>. Desconhecemos qual foi a importância real deste episódio na promoção do aritmético algarvio, mas o certo é que o sucessor de D. Manuel, em 1523, fez-lhe mercê de vinte e quatro mil reais de tença, depois acrescentados com mais doze mil, num documento que, à semelhança da conceituação manejada pelas trovas vicentinas, trata Fernandes, significativa e singularmente, por *estroleguo*...<sup>27</sup>

Este pequeno conjunto de dados permite talvez sugerir, em termos de hipótese, tratar-se o autor da *arte nova dallgarismo* de personagem profissionalmente ligada aos conhecimentos e ao labor técnico e científico que foi suportando e desenvolvendo a Expansão portuguesa, já porque o conceito de astrólogo se aplicava também, epocalmente, aos técnicos ligados à astronáutica, já porque no cerne da denúncia da competência de Filipe Guilhem se encontra precisamente a discussão acerca da validade de instrumentos e métodos aplicáveis às ciências náuticas<sup>28</sup>. No entanto, a biografia intelectual de Simão Fernandes deve incluir, naturalmente, conhecimentos importantes no domínio geral da aritmética e, mais concretamente, no campo da aritmética prática, sugerindo mesmo o seu poema alguns elos de contacto interessantes com a célebre *Arte darismetica*, de Gaspar Nicolas, manual que, desde 1519, beneficiando da actividade multiplicante dos prelos, divulgava no nosso país a estrutura fundamental de uma verdadeira aritmética comercial<sup>29</sup>. E não será talvez impossível

---

<sup>26</sup> SOUSA, I. C. de — *o.c.*, p. 208 e ss.

<sup>27</sup> FREIRE, Anselmo Braamcamp — *Gil Vicente Trovador e Mestre da Balança*, Lisboa, 1944, p. 276.

<sup>28</sup> No prólogo às suas trovas Gil Vicente indica que Guilhem «disse a el-Rey (D. Manuel) que lhe queria dar a arte de Leste a Oeste, que tinha achada. Pera dar mostra desta arte fez muitos estromentos, entre os quaes foi um estrolabio de tomar o sol a toda a hora...» Deve-se, portanto, relevar que o debate entre o aritmético algarvio e o castelhano deve ter incluído o problema da determinação da latitude através da observação do sol.

<sup>29</sup> Cf. o nosso trabalho de síntese para provas de aptidão pedagógica e capacidade científica: SOUSA, Ivo Carneiro de — *Aritmética comercial e cultura mercantil no século XVI (hipóteses de investigação)*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1984 (polic.), p. 198 e ss.

que o texto poético de Fernandes, dado o seu carácter propositadamente propedéutico e inovador, ressalte, afinal, dos sectores que divulgaram, no princípio do nosso século XVI, a aritmética prática e comercial, muitas vezes a partir de manuais espanhóis ou da famosa *Suma de Aritmética* de Lucas Pacioli, mas também como resultado de uma larga experiência bebida nos problemas do trato ultramarino e oriental<sup>30</sup>.

Caso o texto poético de Simão Fernandes de Tavira tenha sido pensado à roda das duas primeiras décadas do século XVI, deve-se procurar situar o nascimento do aritmético algarvio ainda nas últimas décadas de Quatrocentos, muito possivelmente tendo acompanhado ou, até, colaborado com muitas das iniciativas de expansão e comércio marítimos que tiveram o Algarve como base e, em vários domínios, suporte. A sua morte não deverá ser muito posterior a 1523, cessando a partir desta data quaisquer referências nas chancelarias régias ao seu labor e actividades profissionais, não sendo de presumir que uma personalidade ligada estreitamente aos investimentos científicos e técnicos de D. João III deixasse, subitamente, de ser recompensado pela sua inteligência.

Em termos gerais, talvez nos atrevessemos a sugerir em Simão Fernandes uma dessas muitas personagens actuantes no coração dos Descobrimientos e do estabelecimento do comércio oriental, um período que não pode ser totalmente entendido sem este tipo de actores, combinando conhecimentos científicos e técnicos importantes. Já do pequeno conjunto de dados factuais que, acerca dele, chegaram até nós, releváramos sem hesitação o seu trabalho e conhecimento com os números, com a aritmética prática, ao ponto de procurar e conseguir verter em poesia um manual de aritmética, programa duplamente apostado na dignificação deste campo do saber e na sua divulgação literária no Portugal das Descobertas e do comércio ultramarinos.

### III

#### O texto, a Arte Nova dallgarismo

O poema de Simão Fernandes de Tavira, tal como comparece fixado no caderno manuscrito de Belchior Lopez, apresenta-se formado por 95 estrofes e 11 exemplos ou exercícios numéricos. Cada estrofe, com a excepção da primeira, provavelmente mal ditada ou copiada pelo manuscrito,

---

<sup>30</sup> SOUSA, I. C. de — *o.c.*, p. 249 e ss.

encontra-se formada por oito versos que, apesar de algumas evidentes e mal disfarçadas irregularidades, tentam garantir com sucesso um ritmo heptassilábico e tetrassilábico. Estrofes, portanto, heterométricas, mas que conseguem debuxar e seguir, no fundamental, a dignidade dos versos simples de arte menor. Conquanto o poema, pela sua larga extensão, adopte um formato que não encontra paralelo, por exemplo, nesse conjunto de modelos poéticos, muitas vezes normativos, reunidos pelo cancionero resendiano, não é de excluir totalmente que a arquitectura formal seguida pelo aritmético algarvio procurasse imitar ou readaptar um ritmo próximo ao do célebre poema de Jorge de Manrique *A Muerte de su padre*, obra tão divulgada como celebrada no Portugal literário de finais do século XV e princípios da centúria seguinte e que constituiu, como se sabe, um referencial importante de muitas aventuras e investimentos poéticos<sup>31</sup>. Não são, no entanto, as opções de forma e formato, mesmo carregadas de irregularidades, que definem a originalidade do texto de Fernandes. É no domínio dos conteúdos que se deve investigar o interesse histórico e a peculiaridade cultural desta obra que se afigura não ter qualquer concorrência próxima ou, pelo menos, conhecida na totalidade da produção literária portuguesa epocal, em prosa ou poesia, manuscrita ou impressa.

No geral, o poema procura construir um verdadeiro manual de aritmética prática, seguindo no seu desenvolvimento, mas por vezes também na sua semântica, as características da lição que culminaria na publicação, em 1519, da *Pratica darismetica* de Gaspar Nicolas. Assim, procurando divulgar, desde os primeiros versos, esse programa de ensino da aritmética, Simão Fernandes abre naturalmente o seu texto com a explicação dos dígitos, mais precisamente, das *letras descrepver*, tema introduzido por duas estrofes, seguindo-se-lhes, imediatamente, um exemplo numérico. Este primeiro assunto vai-se explicando, largamente, até à estrofe onze, encerrando-se, então, com a distinção definitiva entre unidade, dezena, centena, milhar, dezena de milhar, centena de milhar e conto, este último constituindo o limite finito habitual manejado pelos manuais de aritmética desta época.

As partes seguintes do poema podem agora começar a tratar do estudo das operações da aritmética ou, melhor, seguindo o autor, das *especeas dallgarismo*, ao mesmo tempo que se esclarece, na estrofe

---

<sup>31</sup> A propósito da influência compósita do poema de Jorge Manrique veja-se o excelente trabalho recente de MIRANDA, José Carlos Ribeiro — *O Poeta e o Príncipe. Ensaio sobre as Trovas de Diogo Brandão à morte de D. João II*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1985 (polic.).

catorze, o projecto didáctico perseguido por toda a obra: *aguora de crararey / cada huma ... hum enxepro formarej / em cada quoall* — itinerário que segue fielmente aquele que havia já sido percorrido nas páginas anteriores do caderno manuscrito de Belchior Lopez, combinando-se uma curta explicação normativa com o exercício de um exemplo, a resolução de uma conta. É o que sucede, desde logo, com a adição: começa Simão Fernandes por explicar muito brevemente as regras da operação, mas reduzindo-as à memorização e visualização da soma, a uma «figura» e aos «passos» do somar —

todas as contas fareis  
da mão direita  
e asy as sjgireis  
ate ezquerda —,

para acabar imediatamente, de seguida, por centrar toda a sua estratégia didáctica no exemplo, fazendo assim depender estreitamente a própria extensão e formato dos seus versos da explicitação e resolução da conta:

Emxemplo vos quero dar  
por que vejais  
mais craro e o entendais  
com mais sabor  
perdereis todo temor  
e medrosia  
e cobrareis ousadia  
com favor

Atente-se que o problema da compreensão e da clareza da arte da aritmética (*por que vejais mais craro*) assenta directamente, senão mesmo exclusivamente, na estratégia do exemplo, desdobrando-se na resolução de um exercício prático, sendo este o único critério proposto pelo texto para preparar adequadamente o leitor, exortado, aliás, nos últimos quatro versos, a acompanhar e a usufruir as vantagens deste método. O poema adianta, em consequência, uma conta —  $209700+2020+300$  —, que vai sendo, a par e passo, resolvida ao longo das estrofes 21, 22 e 23. Resolvido este primeiro exercício prático, segue-se na estrofe vinte e quatro, inexplicavelmente omitida na edição de A. F. Barata, a respectiva prova dos nove, um recurso que se irá manter estável ao longo de todo o poema, ou não fosse mesmo esta a única fórmula proposta pelo autor para controlar a exactidão das operações realizadas.

O conhecimento da subtracção, a *segunda especea*, percorre exactamente o mesmo percurso conceptual seguido anteriormente: quatro estrofes tentam explicar sucintamente como se pratica a operação,

enquanto as seis estrofes restantes se entretêm a resolver um exercício bastante simples, 3095 menos 467. Já a *terceira especia*, a multiplicação, introduzida a partir da estrofe 36, começa por convocar o leitor a memorizar a tabuada, aconselhando até que *se quereis motripicar / por tavoada / sabeja bem de contada...* Em seguida, depois de algumas breves explicações acerca da operação, neste caso, algo confusas e complicadas, releva-se novamente a centralidade do exemplo, concretamente, a resolução de uma multiplicação de 1065 por 407. A conta é, agora, larga e pausadamente tratada ao longo de dez estrofes, às quais se sucedem ainda outras duas com as inevitáveis provas dos nove.

Encerrado satisfatoriamente o exercício da multiplicação, entra-se rapidamente no último capítulo do poema, totalmente ocupado pela divisão que se assume como o andamento textual mais amplo e dominante. Simão Fernandes começa mesmo por abrir esta larga secção do seu texto alertando os seus leitores para a complexidade desta operação da aritmética, exigindo um esforço particular e uma exercitação cerrada, porque a divisão

quer se muito praticada  
de contino  
por que he de metall fino  
hordenada

Em coerência com esta verdadeira sobrevalorização da prática, o texto adianta imediatamente um primeiro exercício muito simples: 10560 a dividir por 3. Conta resolvida sem qualquer dificuldade até à estrofe 73, seguindo-se-lhe algumas poucas conseguidas explicações sobre a divisão por divisores superiores a nove. Mais uma vez se recorre a um exemplo prático, avançando-se um exercício mais complexo — 15202504 a dividir por 299000 — que se vai, lentamente, resolvendo até à estrofe 95, ocupando assim este derradeiro problema proposto pelo poema quase um quarto da sua redacção total. À semelhança do trabalho e dos exercícios de aritmética realizados pelo caderno manuscrito que o albergava, o texto poético de Simão Fernandes de Tavira insiste também na complexidade da divisão, apresentando-a, igualmente, como a operação mais difícil, mas, porventura, também mais atraente, de toda a aritmética prática.

Se parece ser indiscutível, mesmo para uma leitura rápida e desatenta, que o poema que nos ocupa constitui um manual de aritmética prática centrado na explicação das suas quatro operações básicas — adição, subacção, multiplicação e divisão —, continua a subsistir uma interrogação prévia e pertinente: porquê adoptar um registo poético para passar conhecimentos que, afinal, dependiam quase exclusivamente do

exercício com os números e não com as letras? Não existe, provavelmente, uma resposta única a esta questão, mas um conjunto de hipóteses com as quais se pode tentar a aproximação aos sentidos perseguidos pela *arte nova dallgarismo*. Poder-se-ia começar por pensar que a opção pelo poema constituía uma forma ritmada e cadenciada adequada para a memorização das quatro opções fundamentais da aritmética: qualquer coisa próxima do «cantar» da tabuada, procurando também combinar a sucessão de uma frase longa com uma resposta curta. Nesta hipótese, a elaboração de um manual de aritmética em poesia procuraria aproveitar as potencialidades musicais e rítmicas do registo poético para desenvolver uma inovadora arte da memória aritmética em que o visual — as figuras, as contas, os números — era substituído pelas qualidades da composição literária. Sabemos já, no entanto, que o texto de Simão Fernandes de Tavira não consegue prescindir totalmente dos exercícios práticos numéricos, das contas, ocorrendo até que são estas que comandam e orientam as explicações e desenvolvimentos poéticos. Estes, mesmo quando procuram apenas acompanhar um exercício, mostram várias disfunções: as explicações exclusivamente literárias são geralmente confusas e pouco claras, complicam também a linearidade das operações e muitas vezes despistam quase irremediavelmente o leitor. Como estratégia didáctica, o ritmo literário poético mostra-se totalmente inadequado para, no geral, explicar as quatro operações elementares da aritmética e até mesmo para, em termos concretos, esclarecer os diferentes passos e contas dos exercícios apresentados. Repare-se, por exemplo, no carácter confuso e complicado desta estrofe 85, passagem retirada do desenvolvimento de um exercício de divisão:

torna cymco a tocar  
 seu pamdejro  
 e com nove segundejro  
 a camtar  
 por trimta e cymco tirar  
 desa damça  
 vymte e cymquo a provança  
 por matar...

Trata-se, aliás, de um exemplo que de forma alguma se apresenta isolado no conjunto do programa textual, sendo mesmo possível recorrer a numerosas passagens que se afiguram igualmente confusas e pouco claras. Isto significa que se Simão Fernandes de Tavira pretendia seguir a pedagogia prática desenvolvida normalmente pelos manuais de aritmética epocais, ao optar por um discurso poético, apesar de ritmado e cadenciado, mais não conseguiu do que produzir explicações difíceis e confusas, afastando-se largamente da tradição e da clareza conceptual da aritmética

prática do seu tempo. A ser assim para que poderia servir o poema do aritmético algarvio?

Uma outra hipótese explicativa dos sentidos da *arte nova dallgarismo* passa, talvez, por perceber-se que o registo poético não deixava de funcionar como uma prova bastante evidente da destreza e inteligência individuais de Simão Fernandes no complexo reino dos números, uma espécie de passatempo lúdico, mas sério, só ao alcance daqueles que, para além de dominarem totalmente os segredos da aritmética, não deixavam ainda de possuir também uma biografia intelectual que compreendia conhecimentos literários importantes. Repare-se que se o poema dificilmente poderia mobilizar os alunos que se iniciavam no estudo da aritmética, já poderia funcionar, a um nível diferente, quase como um «prémio» de fim de estudos, uma espécie de «tese» de encerramento de curso, o que se julga ser, aliás, a situação em que o texto comparece no caderno manuscrito, apresentando-se como a síntese conclusiva de um verdadeiro curso prático de aritmética. Relembremo-nos também que numa sociedade fortemente atraída pelo prestígio das letras e dos letrados, como era indiscutivelmente a sociedade portuguesa da primeira metade de Quinhentos, o texto poético do aritmético algarvio procurava, provavelmente, dotar de dignidade literária um saber que não deixaria de procurar promover-se à custa também da conquista de espaços e oportunidades no seio dos níveis culturais dominantes. Neste caso, o poema talvez se deva encarar não apenas como dirigindo-se a um curso concreto de aritmética prática, mas talvez tentasse também dirigir-se a auditórios sociais mais elevados. É talvez porque o texto perseguiu novas direcções culturais e sociais e procurou casar as letras e os números que se consegue explicar que tenha sobrevivido tão longamente num manuscrito que segue também a sua própria lição, devendo-se recordar, a propósito, que o mundo da aritmética epocal não nos deixou praticamente testemunhos manuscritos da sua utilização e funcionamentos: as contas e os exercícios quotidianos não tinham, naturalmente, uma vida longa e o papel, bastante mais escasso e caro que nos nossos dias, nem sempre era o suporte mais adequado para se praticar a arte dos números<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> Esta questão encontra-se discutida em MURRAY, Alexander — *Razón y Sociedad en la Edad Media*, Madrid, 1982, p. 189 e ss.

## IV

**A edição do poema e os seus problemas**

A primeira edição da *arte nova dallgarismo*, promovida por António Francisco Barata, é um texto hoje não apenas difícil de adquirir e consultar, mas representa igualmente uma publicação prejudicada por numerosos erros e omissões que impedem um reconhecimento cabal do poema fixado pelo manuscrito pertencente a Belchior Lopez. Na verdade, o trabalho do erudito eborense não conseguiu divulgar sequer a totalidade do texto poético que chegou até nós, omitindo, sem quaisquer explicações, toda a estrofe 24 e dois exercícios numéricos que exibem algum interesse no desenvolvimento da trama textual. Ademais, as opções paleográficas seguidas por A. F. Barata denotam uma falta de critérios críticos evidentes, a que se juntam ainda numerosas leituras e interpretações erróneas ou abusivas, não sendo de admirar, por isso, que fosse o próprio bibliotecário eborense quem escrevia, sobre este assunto, no pequeno prólogo da sua edição: «capitulei em transportar para a de hoje a forma externa, conservando apenas a da essência com seus cortes e abreviaturas coetâneas», princípios que levavam ainda o autor a concluir que «nestas cousas da paleographia cada homem lê como sabe e como pode, será possível que um termo ou outro, pouquíssimos, não fiquem lidos com exactão perfeita»<sup>33</sup>. Apesar do conjunto de incorrecções várias que obscurecem o trabalho editorial de A. F. Barata, conceda-se, porém, como já, anteriormente, havíamos sublinhado, ao investigador eborense o meritório labor e intenção de salvar um manuscrito já no seu tempo em acelerado estado de decomposição, resultando, pelo menos, a sua publicação num guia que ainda presta alguns serviços interessantes na fixação de algumas partes mais deterioradas da redacção do caderno de Belchior Lopez...

A edição da *arte nova dallgarismo* que agora publicamos procura ultrapassar os principais defeitos presentes na edição do erudito eborense, fixando o texto integral do poema e tentando apresentar uma interpretação paleográfica que procura alterar o mínimo possível a sua redacção manuscrita epocal. Assim, em termos mais concretos, as regras seguidas pela nossa edição resumem-se apenas ao seguinte: (a) respeitou-se a ortografia do manuscrito, mantendo-se as suas maiúsculas e minúsculas; (b) desenvolveram-se as abreviaturas, mas manteve-se o til nas palavras

---

<sup>33</sup> BARATA, A. F. — *o.c.*, pp. 7 e 8.



que nasaliza; (c) manteve-se, como no manuscrito original, os dígitos em algoritmia; (d) finalmente, em nota de rodapé, assinalam-se as principais diferenças entre a nossa edição e a interpretação sugerida por António Francisco Barata (AFB).

Resta dizer que esta publicação só foi possível graças ao recurso a duas microfilmagens que, cruzadas com fotocópias do manuscrito e consultas frequentes ao original, permitiram a leitura da *arte nova dallgarismo*, um texto que, afinal, não deixa de ter interesse, duplamente, para a história da literatura e para a história da ciência portuguesa dos princípios do século XVI, ao mesmo tempo que se apresenta como um caso original de divulgação científica no Portugal dos Descobrimentos<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Este trabalho de investigação não teria sido possível sem o apoio que nos foi dado pelo Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BPE, Ms. CXIV/1-41, fls. 74-84 — Simão Fernandes de Tavira, Arte Nova de Algarismo

### Jhesus

1

Em nome de deos começa<sup>1</sup>  
arte nova dallgarismo  
que por trova nos ameaça  
por que menos nos esqueça  
e a goarde  
quem tem nececidade  
desta peça

2

primeiramente deveis  
bem conhecer  
as letras escrepver<sup>2</sup>  
se nō sabeis  
1 2 3 4 5 6<sup>3</sup>  
e sete mais  
e oyto e nove com as quoais  
çifra notais

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10<sup>4</sup>

3

a çifra que nada vall  
mais faz valer  
poem se para<sup>5</sup> grao encher  
com seu synall  
como estrada naturall  
para sobir  
asy podeis construir  
a numerall

4

Item mais deveis saber  
estes grados  
segundo vam hordenados  
para leer  
as letras e entender  
suas valyas  
quoando cheas ho vazias  
podem ser

5

começando a unjdade  
a mão destra  
a dezena toma sestra<sup>6</sup>  
dinjdade  
goardando tall calidade  
quoantas sam  
ellas mesmas vos dirã  
a cantidade

6

Unjdade com dezena  
ambas tomam<sup>7</sup>  
outra com que tres asomam<sup>8</sup>  
que he çentena  
ho mjhar Reçebe pena  
por ser so  
com as tres mete de llo  
com treçena

<sup>1</sup> AFB acrescenta depois do primeiro verso um outro que não se encontra no manuscrito: com bautismo.

<sup>2</sup> AFB: as letras, e as escrever.

<sup>3</sup> AFB escreve os dígitos por extenso, transcrição que repetirá várias vezes ao longo da sua edição como assinalaremos.

<sup>4</sup> AFB omite este exemplo.

<sup>5</sup> AFB: por.

<sup>6</sup> AFB: a sestra.

<sup>7</sup> AFB: ambas toma.

<sup>8</sup> AFB: outra que com tres assoma.

7

a dezena de mjlar  
 que he qujnta  
 sua çentena nos pimta  
 por mostrar  
 que ensena que tem folgar  
 por se verem  
 para mjlor poderem  
 nomear

8

Outras tamtas unjdades  
 traz o conto  
 honde nadas per seu pomto  
 em jdades<sup>9</sup>  
 para darem cantidades  
 que comprehendam  
 quoaisque contas que se vendam  
 por verdades

9

conto com sua dezena  
 metem vellas  
 sua parcejra com elas  
 a çentena  
 governam com a vjntena  
 com mjlar  
 dezena çentena a dar  
 dous comdena

10

Estas seis com seis pasadas  
 doze fazem  
 pello modo em que jazem  
 nomeadas  
 como cassas deputadas  
 as figuras  
 ou grados de vestiduras  
 divjsadas

11

hu enxemplo quero dar  
 do passado  
 porque fjque declarado  
 sem falltar  
 trassem por cumum fallar  
 quid est verum  
 experiemçia matur sterum  
 syngullar

exempllo

6 5 4 3 2 1 / 6 5 4 3 2 1

12

as espeças quatro sã  
 dallgarjsmo  
 formadas por gylogismo  
 como vam  
 de todas farej mença  
 brevemente  
 por que dellas mais contente  
 deis rezam

13

seia<sup>10</sup> logo a primeira  
 assomar  
 e a segunda Restar  
 companhejra  
 multiprjcar a terceira  
 no segir  
 e a quarta Repartir  
 derradeira

14

aguora declararej  
 cada hua  
 por que nom fyque nenhũa  
 sem ter llej  
 hu enxemplo formarej

---

<sup>9</sup> AFB: enjoades.

<sup>10</sup> AFB: seria.

em cada quoall  
com que todos por jgoall  
contentarej

primeira espeçia

15

quoamdo qujserdes asomar  
quoall quer conta  
para verdes quoanto monta  
sem herar  
começareis a jumtar  
as unjdades  
e as suas cantidades  
comgregar

16

todas as contas fareis  
da mão direita  
e asy as sjgireis  
ate ezquerda  
ho Repartir so mudaj  
esta maneira  
por que he de todas bandeira  
aguoardaj

17

se for nada çifrareis  
em seu grado  
seu numero apartado  
polloeis  
se sam dez pymtareis  
çifra figura  
se ambos ho da ventura  
asemtareis

18

Aquj aveis de notar  
se qujserdes  
que dos dezes que fizerdes

em asomar  
de cada hũ llevar  
no semtido  
para jr tomar vjstido  
com seu par

19

se lla achar companhia  
mesturajo  
sendo so apositajo  
sem porfia  
segimdo por esta vja  
hereis parar  
em ho cabo por Repousar  
per todo dia

20

Emxemplo vos quero por  
por que vejais  
mais craro e o entendais  
com mais sabor  
perdereis todo temor  
e medrosia  
e cobrareis ousadia  
com favor

emxempllo

209 700  
2 020  
303 000  
300

21

quatro cjfras asomadas<sup>11</sup>  
çifra fazem  
pomde çifra domde jazem  
asynadas  
hos dous pomde nas pegadas  
da dezena  
sete com tres dez sem pena  
fazem fadas

<sup>11</sup> AFB: Quatro cifras as somadas.

22

pymtaj çifra ao pe  
das que fadaram  
levaj hũ que nos leixaram  
por Relle  
com nove dous tres da fe  
que qujmze sam  
çimquo põllo em a mão  
a hũ se

23

so se ponha pois nom acha  
com quem mostra  
dous que com tres cimco amostra  
da sem tacha  
posto com sua garnacha  
de çatim  
para goarda de çafim<sup>12</sup>  
tudo despacha

209 700		
2 020	4	
303 000	4	prova
300		

são 515 020

24

para provar se vaj çerto<sup>13</sup>  
ho asomado  
tiraj os noves do gado  
no do conto  
atjray mesmo ho Repasto  
no currall  
damdo o sobre hũ sinal  
descuberto

segumda espeçea

25

segundo esta jornada  
entraremos  
na segunda que veremos  
mais armada  
do que foy esta pasada  
pouqua cousa  
mas com pratica Repousa  
amamsada<sup>14</sup>

26

na unjdade começaj  
por ser prjma  
a descjpar da de cima  
lhe tiraj  
ho que ficar asentaj  
em seu termo  
asy todas em ho ermo  
despojaj

emxemplo

27

Esta llej nã se entende  
gerallmente  
salvo domde se consente  
a lej premda  
a Rezã tirar defemde  
mais de menos  
mas da lugar que por nos<sup>15</sup>  
se emende

28

quoamdo a mais da provjda  
he major  
que sua soperjor

<sup>12</sup> AFB: a guarda de sa fim.<sup>13</sup> AFB: omite completamente toda esta importante estrofe.<sup>14</sup> AFB: a mão sada.<sup>15</sup> AFB: menos.

busca vjda  
com seus padres soprída  
ajuntados  
com os de çima asentados  
na goarjda

29

qoamdo por dezès suprírdes  
levaj hū  
por que nō vades em jejum  
se tall vjrdes  
mesturajos sem sentirdes  
com seu gado  
ou quer so seia<sup>16</sup> tirado  
por vos hirdes

30

se nō fordes bem çertejro  
neste joguo  
entraj com ele por Rogo  
afagejro  
com emxempllo verdadeiro  
segum vjrdes  
tomalloeis conferides<sup>17</sup>  
por jmtejro

3095

467

—  
30

31

sete de cymco nō poso  
neste mes  
para dez lhe faltam tres  
por ser noso  
tres com 5 fazem groso

oyto tall  
asentajo no portall  
por ser voso

32

levaj hū posto com seis  
fazem sete  
sete com nove Remete  
dous as leis  
ordenadas pellos Reis  
que pasaram  
que eses<sup>18</sup> dous vos divulgaram  
que goardeis

33

quatro de 0<sup>19</sup> nō eRees  
ho que se fara  
para dez seis nos dara  
mall que lhe pes  
seis com çifra descontes  
nō me dera nada<sup>20</sup>  
allbergajos na pousada  
por hū mēs

34

hū levaes desta vjagem  
sem arfar  
outros ã que se ajudar  
de sua lymgoagem  
vendose como sallvagem  
llamça mão  
de hū de tres que ençima estã  
em seu paragem

3095

467<sup>21</sup>—  
2628—  
3095<sup>16</sup> AFB: será.<sup>17</sup> AFB: com ferirdes.<sup>18</sup> AFB: estes.<sup>19</sup> AFB: cifra.<sup>20</sup> AFB: non medía nada.<sup>21</sup> AFB: 407.

35

temos combate das duas  
das jrmãs  
nã mui fortes mas meãs  
das outras suas  
ja vencidas ficam nuas  
explicadas  
com emxempros obrigadas  
pellas Ruas

36

terçeira espeçia

a terçeira decraremos  
per Rezõis  
e per veras conclusõis  
que formaremos  
com que as sugiremos  
a servjr  
quoamdo quer que nos comprir  
como veremos

37

se quereis motripicar  
por tavoada  
sabeja bem de contada  
e esprycar<sup>22</sup>  
por que posais confiar  
em tall avjso  
de cada dez no sentido  
hũ levar

38

começaj a mão direita  
a obrar  
por que se posa cobrar  
sua sejta

a primeira se Reçeja  
lla com todas  
e as suas destas das vodas  
nã jmgeja

39

todas lavram<sup>23</sup> seu alqueve  
de tall sorte  
que quall quer seu Rego corte  
por mais breve  
da hy domde lhes Releve  
os jmçina  
exqujrjmdo das de çima  
ho que espreve

40

guardoando as leis pasadas  
que ouvjstes  
na primeira se sentistes  
decraradas  
do que goardam has levadas  
na memorja  
metereis vosa estorja  
nas pousadas

41

com emxemplo filhareis  
esta peça  
de tall gisa se começa  
quall vereis  
pello quall comprehendereis  
esta cousa  
se bem armais vosa lousa  
çaçareis

emxemplo 1065  
407

<sup>22</sup> AFB: dez reis pintar.

<sup>23</sup> AFB: honram.

42

sete vezes 5<sup>24</sup> fazem  
sem por çenso<sup>25</sup>  
trymta e çjmco porees so  
como jazem  
poemse 5<sup>26</sup> tres se trazem  
na memorea  
ate outra peditorea  
que se vazem

43

sete vezes 6<sup>27</sup> produzem  
seus coremta  
e mais dous com tres de emmenta  
cymco luzem  
daquj quatro se Reduzem  
per Rezam  
a segujnte produçã  
com que se jazem<sup>28</sup>

44

sete vezes çifra lança  
desynada  
que com quatro ajuntada  
quatro gamça  
estes metereis na dança  
apomtados  
por que seiam asjnados  
por fiança

45

sete vezes hũ sã sete  
perfylhayos  
despois daver quatro saios  
neste frete  
pello quall nos bem pormete

de mandar  
outrem que va governar  
pello topete (?)

1065

407

1455

46

A çifra bem se escusa  
de servjr  
a caza basta soprir  
como usa  
asomar nunqa Refusa  
sua lynha  
sem creçer mais do que tinha  
na emfusa

47

quatro da de sua parte  
que governe  
com tanto que nõ jmverne  
em lysarte<sup>29</sup>  
mas que tantas vezes farte  
sua gente  
quoamto sete foj contente  
por tall arte

48

quatro vezes 5<sup>30</sup> vymte  
çjfra pomde  
a memorea dous esconde  
por que pymte  
esto na casa segimte  
que sam seus  
por serem vosos e meus  
se fez açimte

---

<sup>24</sup> AFB: cinco.

<sup>25</sup> AFB: sem pôr-se só.

<sup>26</sup> AFB: cinco.

<sup>27</sup> AFB: seis.

<sup>28</sup> AFB: juzem.

<sup>29</sup> AFB: enliçar-se.

<sup>30</sup> AFB: cinco.



49

quatro vezes 6<sup>31</sup> fareis  
 vyte e quatro  
 se escaparem dallgũ laço  
 metereis  
 com esses dous que trazeis  
 bem notados  
 seis de todos confirmados  
 dejxareis

50

quatro vezes çifra nada  
 poreis dous  
 para enxotar os grouvos<sup>32</sup>  
 da lavrada  
 quatro vezes hũ quebrada<sup>33</sup>  
 por çafim<sup>34</sup>  
 da quatro por çelamjm  
 de cevada

51

asomaj quantas carreiras  
 temdes feitas  
 por que seiam Recolhejtas  
 as janejras  
 fareis de duas maneiras  
 vossa prova  
 hũa velha e outra nova  
 companhejras

1065	
407	
7455	3   6
0000	2   6
4260	
433455	

52

tiraj noves do primeiro  
 e segumdo  
 hos que leixam neste mundo  
 sem herdeiro  
 mulltepricaj no terceiro  
 e pagay  
 os noves que tall vos say  
 do cylejro

53

hou parte ho asomado  
 se semtirdes  
 por quall quer dos dous que vjrdes  
 no eyrrado  
 por serdes çertefycado  
 de tall arte  
 o outro nos saj em parte  
 asynado

54

tres jrmãs temos sojeitas  
 e cativas  
 a nosso servjço vjvas  
 e perfeytas  
 com suas Regras direitas  
 verdadeiras  
 que nos tiram de cansejras  
 e sospeytas

quarta espeçia<sup>35</sup>

55

ja nos jmós achegando  
 a fjnall

<sup>31</sup> AFB: seis.

<sup>32</sup> AFB: grouv.

<sup>33</sup> AFB: que brada.

<sup>34</sup> AFB: sã fim.

<sup>35</sup> AFB: regra.

com manjefesto sinall  
alcançando  
porem vamos atentamdo  
seu camjnho  
nã demos em algũ espinho  
tropeçando

56

Porem depois de trilhado  
ameude  
he mais doçe que alaude  
temperado  
quamdo fordes achegado  
a çidade  
sereis de boa vomtade  
hospedado

57

he çidade pompulosa  
de grã fama  
das jrmãs quatro se chama  
generosa  
de todas mais preçyosa  
mais subydas  
e das tres muj bem sabydas  
balluçosa

58

quer se muito praticada  
de contino  
por que he de metall fino  
hordenada  
e com todas amansada<sup>36</sup>  
juntamente  
como vereis no presente  
debuxada

59

figuraj ho devjdendo  
no papell

de timta hou douropel  
espcrevendo  
a mão sestra sometendo  
ho partidor  
para ser destruydor  
despendemdo

60

Se ho virdes sem companha  
de hũ vjstido  
pomdeo sem aRoido  
na montanha  
termo de allta lemanha  
se couber  
se nã dalhe outra molher  
doutra manha

61

Nam allargando a primeira  
que ja tinha  
por que Rezã convinha  
ser herdejra  
emtrara com parcejra  
ajudamdo  
a outra emcamjnhando  
tall carejra

62

Pomde as vezes que cabe  
ho partidor  
a destra por servjdor  
que se guabe  
do çoçiente que sabe  
dar Rezã  
do que lhe metem na mão  
quoamdo cabe

63

como for ho çoçiente  
asemtado

<sup>36</sup> AFB: a mão sada.

deve ser mutipricado  
 prestemente  
 no partidor que hao presente<sup>37</sup>  
 for escripto  
 tirando ho seu amjto  
 ho cresçente

64

leixareis o que vos queda<sup>38</sup>  
 la no allto  
 asy de salto em salto  
 por moeda  
 cada <sup>ho</sup> em sua seda  
 em direito  
 de seu proprio aspejto  
 e jazeda

65

O gastado leixareis<sup>39</sup>  
 com tais synais  
 Riscado por que vejais<sup>40</sup>  
 ho que fazeis  
 ho partjdor<sup>41</sup> mudareis  
 por diante  
 ate que seia acabante  
 nã reseis

66

quoando derdes na Ribejra  
 ja em seco  
 por vos nã achardes peço  
 na carejra  
 socorejvos a bamdejra  
 do provar  
 por que posais afirmar  
 ser verdadeira

67

comvem em emxempfrificar<sup>42</sup>  
 estes termos  
 por que nã fiquem enfermos  
 sem sarar  
 he Remedio syngular  
 as deçentes  
 com emxempllos evjdentis  
 ajudar

emxempllo<sup>43</sup>  
 10 560  
 3

68

parti dez mill e quinhentos<sup>44</sup>  
 e sesemta  
 em tres partes sem tormenta  
 e sem ventos  
 os sentidos bem atentos  
 esguoardamdo  
 te ho cabo Rejtarando  
 casamentos

69

Em dez quantas vezes cabem  
 estes tres  
 cabem tres em portuges  
 por que se gabem  
 que tres vezes <sup>3</sup><sup>45</sup> bem sabem  
 que sam nove  
 e que de dez <sup>hu</sup> nos prove  
 quoando acabem

---

<sup>37</sup> AFB: que se sente.

<sup>38</sup> AFB: Lei poreis ao que vos queda.

<sup>39</sup> AFB: Ao gastado lei poreis.

<sup>40</sup> AFB: negaes.

<sup>41</sup> AFB: partido.

<sup>42</sup> AFB: Comecem a exemprificar.

<sup>43</sup> AFB: omite totalmente este exemplo.

<sup>44</sup> AFB: Partireis mil e quinhentos.

<sup>45</sup> AFB: tres.

70

Em qujmze 5<sup>46</sup> vegadas  
 tres se metem  
 çimco vezes 3<sup>47</sup> apertem  
 qujmse padas  
 da sua Raçã tiradas  
 nada queda  
 comprem com outra moeda  
 as empadas

71

Em seis duas vezes faço  
 tres herdeiros  
 por ser bom casamjnteiro  
 hos abraço  
 duas vezes 3<sup>48</sup> no laço  
 premdem seis  
 desterrados pelas leis  
 do seu paço

72

Em çifra desposorjo  
 se fara  
 outra çifra vos dara  
 em mortoreo  
 por synall de tã sertoreo  
 novjmento  
 para seu pagamento  
 adjutoreo

73

fareis prova evjdente  
 naturall  
 molltrepicando sem mall  
 no çoçiemte  
 ho partidor sem parente  
 e dar nos ham  
 ho devjdo so bem sam  
 jmtejramemte

74

e<sup>49</sup> quoamdo quer que no partir  
 sobejarem  
 algũas que nõ acabarem  
 de comprir  
 a prova devem de vir  
 ajudamdo  
 hunjdamdo e tornamdo  
 a Reservjr

75

tudo quoanto dito temos  
 da quartam  
 bem craro por Regra cham  
 como vemos  
 do partidor entendemos  
 na pymtura  
 quando de huma so figura  
 ho fazemos

76

mas per duas da per quamtas  
 mais qujserdes  
 partireis se bem souberdes  
 suas pramtas  
 por que se ã de corer tantas  
 e costuras  
 quantas de frandes pymturas  
 trazem mantas

77

hũ secreto notareis  
 porvejtoso  
 quamdo em tirar penoso  
 vos acheis  
 emendando corereis  
 ate achar  
 de domde posais tirar  
 ho que quereis

---

<sup>46</sup> AFB: cinco.

<sup>47</sup> AFB: tres.

<sup>48</sup> AFB: tres.

78

tomareis ho mais leixando  
em seu grado  
quer so quer acompanhado  
ca<sup>50</sup> camjnhamdo  
o neceçarjo portando  
na memorea  
com que alcançeis vytoorea  
acabando

79

Outro emxemplo tomay  
por notardes  
estes direitos se olhardes  
como vay  
com avjso atentay  
no que digo  
e vereis quam lympo trigo  
este say

Emxemplo

152025040 \_\_\_\_\_  
299000

80

parti çemto e çymcoemta  
e dous contos  
e vymte e çimco mjll puntos  
e coremta  
por duzentos e noventa  
e nove mjll  
segundo a conta sotill  
Representta

81

começareis a meter  
com tall temor  
a sestra do partidior

no seu aver  
nõ lhe damdo tamto poder  
quoamto lhe vem  
pois com outros lhe convem  
do seu manter

82

dous em qujnze cabem sete  
nõ lhos damos  
para as outras lhe deixamos  
deste frete  
para dar a quem se mete  
ajudar  
se ho mereçer llevar  
que ho aperte

83

day cymco no coçiente  
lla no llado  
que com dous<sup>51</sup> mulltepricado  
dez vydente  
dez de qujnze finalmente  
sera cymco<sup>52</sup>  
cada hũa deste brimco<sup>53</sup>  
he comtente

84

Asy faz cymco com nove  
se houlhays  
coaremta e cymco achais  
que com nove  
tiramse de domde chove  
cymcoemta  
e dous que sete asenta  
com que prove

85

torna cymco a tocar

---

<sup>49</sup> AFB: omite o e.

<sup>50</sup> AFB: e.

<sup>51</sup> AFB: tres.

<sup>52</sup> AFB: será cama.

<sup>53</sup> AFB: cada hua disto brama.

seu pamdejro  
e com nove segundejro  
a camtar  
por trimta e cymco tirar  
desa damça  
vymte e cymquo a provança  
por matar

86

mudareis mais por diante  
hũ so grado  
ho partidor bem tirado  
camjnhante  
quallquer letra consessante  
desta troqua  
por que cada hũ toca  
seu sombrante

87

quoamto mais for neçeçario  
de mudar  
muday quamto demandar  
seu fadajro  
se achar no seu armajro  
que comer  
se nã pase ate caber  
no sallajro

88

dous em dous bem caberja  
neste paso  
mas em 5<sup>54</sup> quanto escaso  
que serja  
com nove nã poderja  
nem dous menos  
dando 0 por açenos  
serverja

89

çifra posta seia morto  
a ferjdas  
ho partidor nas goaridas  
todo torto  
mudando ao outro porto  
cobrara  
as prantas que deixara  
neste horto

90

Em vymte e 5<sup>55</sup> podemos  
dous meter  
nove vezes em poder  
se queremos  
mas por que daquj goardemos  
mantjmento  
para todo ho convento  
oyto demos

91

Oyto vezes bem allcança  
por direito  
a dez e seis seu sogeito  
por eramça  
de vymte e cymco se lança  
lla de fora  
fiquam nove por demora  
na Relamça<sup>56</sup>

92

Oyto com 9<sup>57</sup> pelejam  
de tall sorte  
que sesemta e dous por morte  
dar desejam  
de noventa e 2<sup>58</sup> se vejam

---

<sup>54</sup> AFB: cinco.

<sup>55</sup> AFB: cinco.

<sup>56</sup> AFB: rebança.

<sup>57</sup> AFB: nove.

<sup>58</sup> AFB: dous.

apartados  
fjquem vjmte asentados  
que sobejam

93

tornem oito a contenda  
doutros <sup>9<sup>59</sup></sup>  
setenta com <sup>2<sup>60</sup></sup> Remove  
de encomenda  
damdo estes da fazenda  
cymco mais  
cento e trinta e <sup>3<sup>61</sup></sup> deixaes  
por emmenda

94

vem a parte desta conta  
os qjnhemtos  
o oyto com seus framentos

quoanto monta  
com sua prova na pomta  
como vistes  
segundo atras ouvjstes  
sem afromta

95

Peço perdã gerallmente  
dos senhores  
a vos com todos leitores  
da presentemte  
ho que for sofiçiente  
que emmende  
quall quer erro que se entende  
emjnemte

fectas per symão  
fernandez de tavjra

A deos graças

<sup>59</sup> AFB: nove.

<sup>60</sup> AFB: dois.

<sup>61</sup> AFB: tres.

